

2006/02/05

GEOPOLÍTICA PÓS-MODERNA: REPENSAR A GEOPOLÍTICA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Eduardo Silvestre dos Santos

A aproximação geopolítica tradicional, baseada nas teorias realista e neo-realista das Relações Internacionais, defende que o Estado-Nação é o paradigma e que as relações internacionais dizem respeito a um equilíbrio de poder, no qual os Estados lutam pelo domínio na política global. O fim da “guerra fria”, o processo de globalização e a internacionalização das actividades do Estado como consequência daquela, alteraram o modo como olhamos o mundo e levaram a repensar o conceito de Geopolítica.

Na geopolítica pós-guerra fria, existem diferentes tipos de actores, que se podem agrupar em estatais e não-estatais. Alguns destes últimos, como certas empresas multinacionais, são mais poderosos que muitos estados, mesmo ao nível global. As origens da evolução desta nova aproximação à Geopolítica remontam à implosão da ex-URSS, ao processo de globalização e às consequências desterritorializantes das novas tecnologias de informação e comunicação. A nova aproximação, denominada “neo-geopolítica” ou “geopolítica pós-moderna”, parte da premissa que a geopolítica é, em si própria, uma forma de geografia e de política.

Uma das principais consequências da globalização é a internacionalização das actividades do Estado. O poder e a eficácia dos governos dos Estados foram reduzidos pela cada vez maior interdependência económica e cultural. A globalização económica reduziu gradualmente a autonomia relativa do Estado-Nação em termos económicos e políticos. O sistema global tornou-se mais complexo e interdependente devido à compressão do espaço-tempo, que faz com que alterações numa parte do mundo possam afectar profundamente outras regiões. Os progressos nas tecnologias de informação, comunicação e difusão, desterritorializaram os assuntos e facilitaram o desenvolvimento de uma consciencialização global, possibilitando à população mundial participar na discussão de problemas como a paz no mundo, direitos humanos, questões ambientais, etc.

Durante a maior parte do século XX, a tarefa do Estado foi actuar como um “tampão” de protecção das influências externas na economia nacional e limitar a saída dos excedentes. Contudo, estas políticas tornaram-se obsoletas à medida que os fluxos transfronteiriços (migrações, comunicações, conhecimentos, tecnologia, capitais, etc.) tornaram o Estado permeável. Este tornou-se apenas um intermediário entre as economias global e nacional. É a economia global que exige aos Estados que ajustem as suas actividades económicas nacionais às novas necessidades. Por outras palavras, a estabilidade económica, o desenvolvimento e o progresso social não são já possíveis dentro de fronteiras nacionais, sem serem afectados pelas forças da globalização.

No domínio sócio-económico, é inegável que a globalização contemporânea, com os processos económico-financeiros das nações industrializadas como motores, levou a um desenvolvimento social e económico muito desigual, beneficiando principalmente o núcleo do capitalismo global.

No âmbito cultural, a globalização tem também um potencial bastante destrutivo: pode reduzir as várias culturas a um denominador comum e padronizar identidades. Por outro lado, oferece oportunidades para promover comunicação e compreensão entre pessoas de culturas diferenciadas. A globalização estimulou a atenção das pessoas para a sua própria identidade.

Mas o essencial do debate incide sobre os seus efeitos. A globalização continua através do desenvolvimento tecnológico e da expansão nas comunicações e nos transportes, que têm alterado de modo profundo as noções tradicionais de espaço e de tempo, hoje substancialmente mais reduzidos. A globalização não é só económica: as interdependências em questões ambientais, de defesa, sociais e políticas também aumentaram. Nenhum destes fenómenos se retém nas fronteiras tradicionais dos Estados e as respostas ou soluções para os problemas deixaram de poder ser meramente nacionais.

Ninguém pode permanecer indiferente a ocorrências e desenvolvimentos noutras partes do globo, e nem as diversas áreas da globalização podem ser desligadas umas das outras. A globalização, a quem os jornalistas alemães Hans-Peter Martin e Harald Schumann apelidam de “a nova Internacional” e de “turbocapitalismo”, desestabiliza Estados inteiros e a ordem social que até então os regia. Por um lado, ameaça aqui e ali com a fuga de capitais. Quando tal não é suficiente, apela ao planeamento fiscal em grande escala: os benefícios são transferidos para países onde a carga fiscal é menor. No mundo inteiro, a parte concedida pelos detentores de capitais e de fortunas ao financiamento de missões a cargo do Estado não tem cessado de diminuir. Ora, este processo

destrói as próprias bases da sua existência: o Estado viável e a estabilidade democrática.

As grandes linhas da Geopolítica tradicional estão relacionadas com a escola realista da Relações Internacionais. De acordo com as teorias tradicionais, o Estado-Nação é o paradigma e as relações internacionais uma questão de equilíbrio de poder, no qual os Estados lutam pelo domínio na política mundial. As origens desta aproximação à Geopolítica remontam ao fim do século XIX, com os trabalhos do alemão Friedrich Ratzel e do sueco Rudolph Kjellen. No início do século XX, o mais importante pensador geopolítico foi o inglês Halford MacKinder, seguidor do Almirante americano Alfred Mahan. MacKinder, juntamente com Ratzel e Kjellen, influenciou o alemão Karl Haushofer e a chamada “escola de Munique”, na qual a ideologia nazi se apoiou. No final da 2ª Guerra Mundial, o americano Nicholas Spykman utilizou a teoria de MacKinder para salientar a importância da competição entre potências marítimas e terrestres nas penínsulas da orla dos continentes europeu e asiático. Na segunda metade do século XX, a Geopolítica foi dominada pelas políticas de segurança, contenção e dissuasão da “guerra fria”.

Durante os anos 70's, Henry Kissinger reintroduziu o vocábulo no contexto do envolvimento da ex-URSS nas crises no Médio Oriente e, mais tarde, da estratégia nuclear americana da era Reagan. Nesta época, a crescente influência da OPEP, o apelo para uma “nova ordem económica internacional” e a crise financeira internacional, levaram a reconsiderar a utilização do termo “Geopolítica”, aplicando-o como um meio de analisar criticamente a acção global do poder político em locais concretos. Desde essa década, as teorias económicas neo-marxistas, nomeadamente a teoria do “sistema-mundo” de Immanuel Wallerstein, têm influenciado os académicos a considerar não só as dimensões geográficas da política global, mas também as suas dimensões económicas e sociais. Para além destas críticas às aproximações à geopolítica centradas no Estado, desenvolveu-se nas últimas décadas uma aproximação alternativa aos problemas mundiais, denominada neo-geopolítica, também chamada Geopolítica pós-moderna, para a análise geral da geopolítica posterior à guerra fria.

Os seguidores desta teoria, como Gearóid O'Tuathail, John Agnew e Simon Dalby, rejeitam o raciocínio centrado no Estado e questionam o seu monopólio na definição da segurança nacional. Sintetizam a geopolítica tradicional com a geo-economia, para desenvolver uma nova compreensão dos arranjos geográficos que se podem alterar com o tempo, dependendo de alterações políticas, económicas e tecnológicas. Argumentam que o espaço global é não só dividido em estados individuais, mas também em empresas, grupos terroristas, movimentos pacifistas, activistas de direitos humanos e organizações ambientais. Os teóricos da geopolítica pós-moderna estão conscientes que as aproximações geopolíticas à política mundial fazem parte de um conjunto mais vasto de pressupostos conceptuais e metodológicos sobre o mundo. A geopolítica pós-moderna tem a ver não só com as “práticas espaciais reais”, através das quais a economia política internacional é constituída, mas também com os modos como são representadas e contestadas. Os políticos e administradores estão envolvidos numa teia internacional de negociações e acordos sobre todos os tipos de assuntos. Perto e longe já não são o que eram. Publicidade, negócios e discursos políticos demonstram que se vive num mundo sem fronteiras.

De acordo com Gearóid O'Tuathail, a análise geopolítica pós-moderna da história da Geopolítica baseia-se em quatro conceitos:

- A ordem geopolítica mundial, que se preocupa com o modo como o poder está distribuído no mundo e que alianças se formam com base nesta distribuição;
- Modelos técnico-territoriais, que derivam dos factores combinados das tecnologias das comunicações, do transporte e da guerra, que condicionam práticas e modelam o espaço estratégico mundial;
- A economia geopolítica, que se debruça com o controlo da produção económica, com o comércio e com o consumo de bens no mundo, assim como as suas consequências geo-ecológicas;
- O discurso geopolítico, forma de expressão e de justificação de alianças de estados poderosos, meio para os líderes políticos legitimarem as suas acções.

O colapso da “ordem geopolítica da guerra fria” foi, para esta escola, o resultado da criação de uma ordem neoliberal transnacional, derivada da hegemonia dos EUA, e à desintegração da URSS e da sua esfera de influência. Está ainda a emergir uma nova ordem, mas parece claro que uma nova forma de liberalismo transnacional e globalizante está no seu centro. Cada fase de uma ordem geopolítica caracteriza-se por um período de desordem doentia, como aconteceu após a 2.ª Guerra Mundial e na década de 90's. Uma nova ordem surge gradualmente da confusão criada pelo desaparecimento da anterior, e não por uma transição súbita.

As ameaças à segurança nacional já não são definidas apenas em termos de ameaças militares de outros Estados. A geopolítica pós-moderna apresenta uma visão mais complexa da actual política

mundial, em que os Estados estão enredados em estruturas de poder tecno-económicas transnacionais e sistemas tecnológicos que ameaçam as condições de habitabilidade e sobrevivência em todo o planeta.

BIBLIOGRAFIA

AMINEH, Mehdi Parvizi – “Globalization, geopolitics and energy security in Central Asia and the Caspian region”, CIEP, The Hague, 2003.

BRZEZINSKI, Zbigniew – “The grand chessboard”, Basic Books, New York, 1997.

MARTIN, Hans-Peter & SCHUMANN, Harald – “A armadilha da globalização – O assalto à democracia e ao bem-estar social”, Terramar, Lisboa, 1998.

O’TUATHAL, Gearóid – “Critical geopolitics: The politics of writing global space”, University of Minnesota Press, Minneapolis, 1996.

O’TUATHAL, Gearóid – “Post-cold war geopolitics: Contrasting superpowers in a world of global dangers”, “Geographies of global changes”, January 2001.

TOMÉ, Luís Leitão – “O Estado e a nova ordem internacional – Entre a fragmentação e a globalização”, EDIUAL, Lisboa, 2004.

48 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/01/26

THE VIRTUES OF DEBATING DEFENCE POLICY

Tiago Fernandes Mauricio[1]

2011/10/20

BILHETE DE IDENTIDADE MILITAR[1]

Fernanda Maria Costa[2]

2011/05/09

ESTUDOS SOBRE O FUTURO DO FENÓMENO DA GUERRA

João Nunes Vicente[1]

2011/01/14

JOSÉ MOURINHO, UM PORTUGUÊS DE QUINHENTOS

João Brandão Ferreira

2010/12/27

A POLÍCIA QUE NÃO PODE PRENDER[1]

Paulo Pereira de Almeida[2]

2010/07/12

FORÇAS ARMADAS: INÚTEIS OU INDISPENSÁVEIS?[1]

Paulo Pereira de Almeida[2]

2010/01/24

A CRISE FINANCEIRA INTERNACIONAL, AS CAUSAS PROVÁVEIS – AS SOLUÇÕES POSSÍVEIS[1]

Eduardo Serra Brandão[2]

2009/07/07

O TGV E A DEFESA NACIONAL

João Brandão Ferreira

2008/06/12

DIPLOMACIA ECONÓMICA: O QUE É? [1]

Daniela Siqueira Gomes[2]

2008/04/18

BEMPOSTA ON THE ROAD - UM CONCEITO DIPLOMÁTICO

Bruno Caldeira

2008/04/14

A IMAGEM DUALISTA SOBRE OS ESTADOS UNIDOS

Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)

2008/03/28

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE III

José Vale Faria[1]

2008/03/27

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE II

José Vale Faria[1]

2008/03/26

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE I

José Vale Faria[1]

2008/02/16

O QUE HÁ DE NOVO NA “INTELLIGENCE?”[1]

Francisco Proença Garcia[2]

2008/01/28

DUALIDADES GEOPOLÍTICAS E GEOESTRATÉGICAS PORTUGUESAS

João Brandão Ferreira

2007/12/22

ACORDEM PORTUGUESES!

João Brandão Ferreira

2007/12/10

SEGURANÇA: VISÃO GLOBAL. A PERSPECTIVA DAS INFORMAÇÕES[1]

Jorge Silva Carvalho

2007/08/13

A AJUDA PÚBLICA AO DESENVOLVIMENTO: RUMO À ERRADICAÇÃO DA POBREZA?

Daniela Siqueira Gomes

2007/07/31

IDENTIDADE E INDIVIDUALIDADE NACIONAL PORTUGUESA

João Brandão Ferreira

2007/07/18

O MARXISMO

Pedro Conceição Carvalho

2007/07/04

FASCISMO E NAZISMO

Pedro Conceição Carvalho

2007/06/20

O SISTEMA INTEGRADO DE SEGURANÇA INTERNA (SISI) E A SUA ARTICULAÇÃO COM O SISTEMA DE INFORMAÇÕES DA REPÚBLICA PORTUGUESA (SIRP)[1]

Jorge Silva Carvalho[2]

2007/06/04

AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS FINANCEIROS, OS NÚMEROS E O SEU SIGNIFICADO.

João Pires Neves[1]

2007/05/29

DEVEM OS CHEFES DE ESTADO MAIOR DECLARAR OS RENDIMENTOS?

João Brandão Ferreira

2007/05/29

OS SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES NO MUNDO ACTUAL[1]

Jorge Silva Carvalho[2]

2007/05/22

LIMITES À PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES NO ESTADO DE DIREITO DEMOCRÁTICO

Jorge Silva Carvalho

2007/05/19

A REGULAMENTAÇÃO DO SISTEMA DE INFORMAÇÕES DA REPÚBLICA PORTUGUESA – CONTINUAÇÃO DA REFORMA[2]

Jorge Silva Carvalho[1]

2007/05/10

INTELIGÊNCIA E DEFESA NA TRÍPLICE FRONTEIRA: IMPACTOS DO ÚLTIMO RELATÓRIO DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA PARA O BRASIL

Fábio Pereira Ribeiro[1]

2007/05/02

SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA E A DEFESA DA NAÇÃO[2]

Fábio Pereira Ribeiro[1]

2007/04/27

POLÍTICA DE DEFESA E INTELIGÊNCIA ESTRATÉGICA: PRIORIDADES PARA UM PAÍS COMO O BRASIL [1]

Fábio Pereira Ribeiro[2]

2007/04/26

O GRANDE DESAFIO DA DEFESA

Grupo de Trabalho do Instituto Humanismo e Desenvolvimento[1]

2007/04/25

AS FORÇAS ARMADAS E A ECONOMIA

Alípio Tomé Pinto[1]

2007/04/20

POLÍTICA DE DEFESA: INTERESSES NACIONAIS EM JOGO

Fábio Pereira Ribeiro[1]

2007/04/05

A ALMA DAS INSTITUIÇÕES

Alípio Tomé Pinto[1]

2007/02/10

O CERCO APERTA-SE

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/02/09

ESTRATÉGIA NACIONAL PARA O MAR: UMA QUESTÃO FULCRAL

José Castanho Paes

2006/12/03

ANTI-MILITARISMO PRIMÁRIO

José Castanho Paes [1]

2006/10/26

O DIREITO À GUERRA JUSTA[2]

João Vicente[1]

2006/10/26

A GEOPOLÍTICA DE RATZEL, LA BLACHE E KJELLEN E O ECLODIR DA I GRANDE GUERRA

Hugo Palma[1]

2006/05/06

CICLO DE CONFERÊNCIAS «PORTUGAL E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS» - INFORMAÇÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/03/28

PARA UMA LEITURA ESTRATÉGICA DA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES LUSO-MAGREBINAS

João Brandão Ferreira

2006/03/27

O COMANDO SUPREMO DAS FORÇAS ARMADAS

António Borges de Carvalho

2006/03/19

A GUERRA DOS CARTOONS

Alexandre Reis Rodrigues

2006/02/25

DIREITOS HUMANOS: VIOLAÇÃO E GUERRA CIVIL

Marcelo Rech[1]

2006/02/19

AFINAL, HUNTINGTON TINHA RAZÃO? SE NÃO FOR O PARADIGMA DAS CIVILIZAÇÕES, ENTÃO QUAL É?

Eduardo Silvestre dos Santos

2006/02/07

A PAZ

João Brandão Ferreira

2006/01/09

FILOSOFAR É PRECISO

João Brandão Ferreira